

**A SUBJETIVIDADE POETA: POR NOVOS MODOS ARTÍSTICOS DE
ATRAVESSAR A ROTINA**

**THE POET SUBJECTIVITY: FINDING NEW ARTISTIC WAYS TO GO THROUGH
THE ROUTINE**

Pedro de Souza Fonseca¹

Resumo: Partindo de percepções acerca do cotidiano e dos sujeitos que o habitam, o texto procura versar através de uma polifonia de vozes e corpos de trabalho artístico que confabulam acerca de atrelamentos entre arte e vida. Buscando o entendimento de deslocamentos da rotina a partir de dois conceitos: “subjetividade poeta”, cunhado por Rosane Preciosa (2010), e “não-artistas”, ideia defendida por Allan Kaprow (1971). Observando a complementariedade e diálogo entre ambos os conceitos, aproximarei deles ideias que conjugam maneiras de infiltrar o processo de criação em arte no que atravessa o dia e diz respeito ao sujeito; bem como a relação contrária: corpos que se expressam artisticamente através da rotina, não atrelados a uma arte institucionalizada, que encontram respiros e entretempos em meio a todo um aparato social paralisante e de relações automatizadas.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Corpo. Cotidiano. Processo Criativo. Subjetividade.

Abstract: Starting from perceptions about daily life and the subjects that inhabit it, this text seeks to debate through a polyphony of voices and bodies of artistic works that confabulate about links between art and life. Seeking the understanding of routine displacements from two concepts: "poet subjectivity" pointed by Rosane Preciosa (2010), and "non-artists", idea defended by Allan Kaprow (1971). Observing the complementarity and dialogue between the two concepts, I will approach them with ideas that combine ways of infiltrating the process of creation into art in what goes through the day and concerns the subject; as well as the opposite relation: bodies that express themselves artistically through routine, not linked to an art that is institutionalized, bodies that find respite and amusements in the midst of a paralyzing social apparatus and of automated relationships.

Keywords: Contemporary Art. Body. Daily Life. Creative Process. Subjectivity.

¹ Mestrando em Artes, Cultura e Linguagens pelo IAD/ UFJF, Bacharel em Artes Visuais pela mesma instituição. Investiga aproximações entre o processo de formação do sujeito e o processo criativo artístico enquanto modificadores mútuos. Endereço para contato: psonsec@gmail.com

Assim como pode água
 nascer de pedra
 posso eu também
 ter matéria grave
 e intransponível
 conjugada a esta outra
 transparente, irrepresável
 (Laura Liuzzi, *Autorretrato*)

Introdução

Este escrito parte de um desassossego em relação ao cotidiano e de ideias ainda emaranhadas em novelo, desfiando-se e costurando-se aos poucos em bordado. E dessa forma caminhará e vai procurar bancar-se: através de incômodos, processos e mixagens. E mais: um convite a se desassossegar junto. A fazer como os interlocutores que aqui serão apresentados: encontrar maneiras *de*. Navegar por ideias que avizinham-se para aliviarem-se das linhas duras de um pensamento imediatista e capitalizado.

Andaremos numa investigação contrária à divisão binária das horas do dia: *entretempos* que entremeiam o tempo vivo (hábil, produtivo, de trabalho) e o morto (recompensa da produção, para descanso). Propõe-se, através desta, pontos de paragem mediante um cotidiano labiríntico e claustrofóbico, que nos força a seguir sempre adiante e num caminho só. Às formas fixas e aos fins categóricos, buscaremos atingir princípios de reforma.

Conjugado a este ensejo, para evitar o ensimesmamento e a restrição de uma análise cotidiana própria, versarei sobre corpos em construção, quando nesses há interesse em atrelamentos entre arte e vida. Corpos que se colocam como obra aberta, “catalisadores de vozes dispersas” (CESAR, 2016, p.28), em processo, significando a existência como algo além de mera passagem terrena: tomam posse não só do microuniverso que são, como também ativam-se como *medium* artístico. “Isso significa uma troca recíproca de influências [...] Todo esse processo envolve manipulação, que implica um movimento dinâmico de transformação em que a matéria recebe novas feições, pela ação artística” (Salles, 1998, CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

p.72). De forma que este escrito vai se fazendo a partir dessa polifonia de vozes e, tal como os artistas e poetas aqui apresentados, valerá-se dos instantes e dos micro-engendramentos que trazem respiro à rotina.

Em suma, falarei de arte que retira inspiração “de tudo exceto da arte, ‘da vida’” (KAPROW, 1971, p. 220). Arte presente, atuante, imediata. Propostas artísticas que se dão pelo corpo e para o corpo; também através de deslocamentos rotineiros, que agem nos diversos *modos de fazer* e desengessam os “eus” a que atingem durante percursos tempo-espaço. Que oferecem algo ao olhar que atravesse a contemplação e, tal qual tiro ao alvo, acertem em cheio o centro de nossas mentes e abram buraco no pensar, descontinuando uma lógica já prevista, jogando com o espanto.

Para que esses agenciamentos se instaurem em discussão, serão analisados dois átimos de ideia: a *subjetividade poeta* e a *educação do não-artista*², respectivamente introduzidos por Rosane Preciosa (2010) e Allan Kaprow (1971). Com elaboração em constante processo, eles brincam com o cotidiano e nos fornecem munição para “brotar pelo meio”, avessos a “um destino que progride em direção a algo, [...] num gesto de delicadeza diante do que está a se formar e maturar diante de si” (PRECIOSA, 2010, p.37). Como proposto, trago aqui múltiplas ideias que se avizinham a partir do sensível, de uma elaboração que parte de um olhar sobre as existências, os “esgarçamento identitários” (id., 2010, p.37). Ramificações a partir dos dois pensamentos-base, introduções dentro de introduções que não cessam de vazar e inundar múltiplas relações rizomáticas.

Uma breve explicação

Partir para investigações através de uma pormenorizada análise de nossos percursos na vida tem-se feito importante em meio à vastidão de castrações que nos tem sido impostas, seja pelo direito ao próprio corpo, à lei e à democracia. Ativamos a macro e a micropolítica em movimentos simultâneos: olhares particulares capazes de desarticular o todo, sem operar o risco de apenas tratarmos do que nos representa enquanto subjetividade culturalmente

² A tradução “não-artista” foi revogada por Ricardo Basbaum em 2011, pois foi alegado um erro de interpretação do termo em inglês “un-artist”, que se adequaria mais à noção de “an-artista”, junção do termo anarquista com o termo artista. Aqui, optei pela primeira tradução, uma vez que apenas a segunda parte do texto de Kaprow “A educação do não-artista” foi revisada, sendo todas as citações que habitam o texto retiradas da parte I. Maiores informações podem ser acessadas no artigo traduzido por Basbaum, disponível em: <https://issuu.com/websicons4u/docs/revista6/169> (Acesso em 28/07/2017, 20:00)

produzida. Tomando cuidado conosco e nos atentando ao que nos incomoda. Promovendo a curiosidade, reparando naquilo que estaciona e se avizinha por vias de outros, de coisas e referências. Visões do dia a dia que completam o processo criativo de se inventar sempre que possível: pairar o olhar sob tudo o que há ao redor. Este pensamento vai ao encontro da ideia de que “No coração do cotidiano, há uma fratura, uma cisão que indica a possibilidade de “um tempo outro”, no qual, claro está, outros valores e vivências podem esboçar-se.” (RIBEIRO, 2017, p.197).

Em meio a essa desfronteirização dos modos de estar e ser, a ascensão fenomenológica da contemporaneidade trouxe, como consequência direta, a análise de particularismos, experiências pessoais e micropolíticas enquanto delimitadoras do tempo presente. A arte, dessa forma, passou a fazer-se nos e dos instantes, com toda a agitação social que se converte em momentos históricos acontecendo frente a nossos olhos e a todo momento: “É fascinante viver nos dias de hoje. Do atrito, nasce a faísca. Da estagnação, a arte de ruminar. Das crises, as ideias” (SILVA, 2013, p.138)

Segundo Celia Pedrosa (2008, p.41) o intenso turbilhão de mudanças trazido pela modernidade a partir do final do século XIX, como o ecletismo de tendências estéticas, políticas e inovações tecnológicas efetuaram uma significativa crise em nosso pensamento acerca de indivíduo, vida coletiva e temporalidade. Justifica-se, agora na contemporaneidade, a pluralidade de visões, *inespecificidades* e *impertinências* – termos cunhados por Florencia Garramuño (2014a), dos modos de trabalho na/para a arte e até mesmo no plano social. Artistas apossam-se dos mais diversificados meios e suportes para criar um cabedal de referências para seus trabalhos. Mais do que nunca, o sujeito colocou-se como articulador de pontos de vista. Estava aí ditado o declínio do homem público (SENNETT, 1988) e a valorização do particular, íntimo e singular, bem como a potência de variação da vida.

A elaboração interna dessa nova maneira de criarmos modos e estilos de vida reverberou-se para o palpável a partir de um novo enfoque sobre as expressões artísticas. Menos institucionalizadas, mais *faça você mesmo*, permeadas por autorreferências e ações do inconsciente, ecos constantes de seus autores. Há também, na arte, a crise do indivíduo inserido nas relações coletivas, sempre com a porta entreaberta para a entrada de influências externas, mas admitindo, primeiramente, suas individualidades e os devires, jogando para o balaio do processo criativo as suas inquietudes. No fazer artístico, observamos tal fenômeno, atravessando a este texto a fala de Florencia Garramuño, na qual há:

a proposta da obra como percurso. Porém, esse percurso não tem um roteiro pautado por limites [...], mas é a proposta de itinerários múltiplos, sem limites nem trajetória fixa, sem fronteiras, sem indicações, num atordoamento em que o itinerário se transforma na busca de um modo de habitar um espaço atravessado por diferenças e heterogeneidades dramáticas, sem apaziguamento. (2014b, p. 94)

Ativando a subjetividade poeta

O primeiro ponto de vista a ser abordado diz respeito à noção cunhada por Rosane Preciosa de “subjetividade poeta”, entidade que, diante dos encontros, “se expõe ao mundo e aguenta o tranco.” (PRECIOSA, 2010, p.29). Com ela confabulo pelo desejo de versar sobre a atenção aos encontros e particularismos de uma existência esgarçada, estranha, minuciosa, que vive os instantes e não se protege do que se infiltra, do indesejado, dos desabamentos. A subjetividade poeta existe todo o tempo em chãos movediços e nele caminha como pode, vai de encontro ao “sufoco de ter que se explicar o tempo todo e de fazer referências a uma origem, para só então, existir” (id., 2010, p. 37).

O exercício de poetizar uma existência liberta. Uma subjetividade poeta navega à deriva por referências e delas não tem medo, não receia: joga tudo na roda, expõe-se sem olhar para o espelho regulador de aparências. Vai brotando e (re)nascendo o tempo todo em versões e subversões de si, atenta às situações de desafios que vinte e quatro horas de dia nos proporcionam: sabe que é preciso se safar e dar um jeito, tão paralisados ficamos diante daquilo que nos cerceia, nos julga. Povoia o cotidiano de incertezas (PRECIOSA, 2010, p.37). Desarticula e flui.

Para o exercício de uma subjetividade poeta, arrisco trazer uma questão pontuada por Rollo May acerca do ato de criar, indesejando respostas simples ou imediatas, mas procurando por esgarçamentos de si e aquela incômoda pulga atrás da orelha. Acredito que seja o momento propício: “Qual a relação específica com a paisagem, com a visão interior ou com a ideia que intensifica a consciência, libertando a intensidade?” (MAY, 1982, p. 48)

Me atrevo a indicar um caminho inicial. Uma subjetividade poeta, adentrando o processo criativo, age sob intrincadas relações e delicadezas que produzem, em intensidades individuais, o tremor dos joelhos de quem com elas se depara ou confronta. Essa produção de novas formas de sentir está adiante do que Nicholas Bourriaud (2009) tratou como arte relacional, por atravessarem o sujeito sem mediador e jogarem com ele para além de um

convite: pois não preveem mediação, tratam do espanto e de um sensorial que vai além das regras e contratos que uma obra de arte firma com seu expectador.

Além disso, não necessitam de local específico de estimo, podem ser produzidas pelo instante, despertam sensações inomináveis, por não permitirem reflexão prévia. Acontecem num átimo e não tem como fim os objetos produzidos, ou o que se anuncia. Prezam pela a relação efêmera de desconforto do pensar, deslocamentos de uma visão corriqueira a respeito deste mundo premeditado que habitamos e dos encontros que temos com ele.

Aqui, um bem-vindo exemplo. Como não olhar e se espantar com este trabalho de Jürgen Partenheimer (2005), em que uma tela é gentilmente colocada dentro de uma lixeira pública em São Paulo, fazendo dessa seu local de acolhimento, seu espaço de exibição?

Figura 1 –Carmem III, São Paulo, 2004



Fonte: PARTENHEIMER, J. Suave Loucura. São Paulo:Estação Liberdade, 2005, p.65

Num instante, a relação de oposição que criamos nas concepções “obra de arte” e “lixo”, torna a ação artística que está entre a tela e a lixeira (a de justapor existências tão CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

conflitantes segundo o pensamento social) desconcertante para por quem ela passar. E como agir mediante tamanha afronta? Como mediar a sensação pungente de que “alguma coisa nasceu, veio ao mundo algo que não existia antes” (MAY, 1982, p.79)? Por mais que um mínimo gesto, ação descomplicada, há em seu preparo um devir-espanto capaz de modificar as relações com o cenário. O corpo se desalinha, a mente faz parafuso. Talvez, se despertarmos nossos corpos adormecidos e fatigados pela mesmice da rotina, consigamos entender a importância dessa faísca de instante em que nossa lógica se embaraça e, depois, retorna ao funcionamento comum, modificada.

O papel do sujeito cuja subjetividade poeta se ativa, se dá através desses deslocamentos de sentido de uma realidade pulverizada de interessâncias. A generosidade opera em seu trabalho no compartilhamento de um ponto de vista que age sob o silêncio de nossas mentes. Ele nos inquieta, conjuga o poder de um trabalho artístico com nossas vivências e singularidades. Cito novamente Rollo May, que discute sobre esse efeito do ponto de vista de um artista, uma subjetividade que produz delicadezas, assimilando à nossa discussão: “A visão do poeta e do artista é a determinante intermediária entre o sujeito (a pessoa) e o pólo objetivo (o mundo-à-espera-de-ser). Esse mundo será o não-ser até que o poeta, com seu esforço, faça emergir o sentido como resposta.” (MAY, 1982, p.81).

Observa-se uma crescente falta de contágio e contato com nossos arredores, esse tal mundo. Nessa iminente incapacidade natural de criar relações e avizinhamentos, acostumamos nossos corpos aos automatismos da vida: acordar e fazer tudo igual, em roupas seguras que não extrapolam ou sequer exploram os códigos de vestir que nos são dados. Olhar apenas para a pista em que nos movemos, atentar-nos apenas aos sinais e faixas. Uma rua povoada de presenças que não nos afetam.

Chegamos em casa, desmontamos os corpos que projetamos para a vida pública e tudo então se torna mesmice: a programação de sempre da tevê, as refeições a serem degustadas ou preparadas em obrigação morosa. Montamos armadilhas para que o único conforto no ambiente da casa seja o descanso e as horas de sono.

Do processo criativo do artista e do poeta, podemos retirar estratégias e valiosas lições. Quanto a isso, alinho ideias com Roberto Corrêa dos Santos, que anuncia:

Arte, cultura, sentimento dependem, pois, da manifestação. [...] O exterior obriga-nos a nos formar, a estabelecer relações com práticas – estéticas, históricas, culturais. A definir-nos, não como uma unidade, mas como o mais variável

possível, conforme a rede comunicacional que estabelecamos com o outro, o mundo, o fora. (SANTOS, 1999, p.58)

Então, ao tratarmos a *práxis* artística enquanto recurso estratégico de atravessamento de um cotidiano banal e pouco novidadeiro, damos um tapa de luva em toda a regulação política do que se deve e do que se espera de um corpo que privilegia o trabalho e um caráter social pedante, cada vez mais tolhido de direitos de expressão. Vemos-nos como corpos adormecidos que obedecem a um automatismo monopolizador das formas de pensar o que fazer e *se devemos* fazer. Estamos no mundo de maneira pequena e pouco transformadora e precisamos, em conformidade com as ideias de Paula Sibilia, de “Novas armas, ou seja, estratégias capazes de opor resistência aos cada vez mais ardilosos dispositivos de poder, criando interferências [...] na tentativa de abrir o campo do possível para desenvolver formas inovadoras – e mais libertárias – de estar no mundo” (SIBILIA, 2016, p. 17)

Nos tempos atuais, têm se colocado à prova todo e qualquer tipo de padrão regulador dos modos de existência. Questiona-se as noções de bem estar, de saúde em geral; a religião, a política. A admissão das vontades pessoais enquanto indicadoras de nossas formatações, opiniões e modos de operar e se colocar à vida, no mundo. Ao implantarmos formas artísticas de acesso ao cotidiano, encontramos subterfúgios para lidarmos com situações incômodas e atravancadas. “Precisamos da liberdade da prisão lógica. A absorção dos impasses.” (SILVA, 2013, p. 139).

O não-artista

O segundo pensamento a ser analisado é a proposição de Allan Kaprow de *não-artistas*, “proponentes da não arte [...] aqueles que, consistentemente ou uma vez ou outra, escolheram trabalhar fora da palidez dos estabelecimentos de arte – quer dizer, em suas cabeças ou em seu domínio natural diário” (KAPROW, 1971, p.216), seja este domínio qual for.

Forma-se, de acordo como que é colocado por Kaprow, uma nova forma de atuação para esta arte que se funde à vivência do sujeito. Trata-se de “alguém que está engajado em mudar trabalhos, em modernizar.” (KAPROW, 1971, p. 219). Ambos os entendimentos permitem-nos acessar de uma nova maneira a rotina e “modernizar” engessamentos diários.

Abrir progressivamente novos caminhos. (Re)ativar os sentidos e captar o todo, “[...] misturando todos os ingredientes que recolhe em seu desitinerário a céu aberto” (PRECIOSA, 2010, p.29).

É através do percurso e do instante que ganhamos força de reforma e reestruturação do cotidiano. É através desses movimentos e percepções produtores de não-adequações suaves, micropolíticas, que produzimos interessâncias dentro do comum, revalorizando aquilo que passa batido, o banal que não esquecemos, “fenda aberta rumo à experimentação estética e política, contribuindo para multiplicar ou expandir as possibilidades existenciais” (SIBILIA, 2016, p.18). Dentro desses aspectos e ensejos por reformas dos horizontes do sujeito e das vivências, a arte ganha força e potência de expressão nos mínimos detalhes: torna-se *estratégia*.

De acordo com Allan Kaprow (1971), podemos manejar uma forma de pensar-agir que qualifica uma *arte* despreziosa. Com o termo cunhado em letra minúscula, em oposição à grande *Arte*, com letra maiúscula, absorvida pelos espaços e plataformas que institucionalizam os fazeres e produtos. Essa última reiteraria os trabalhos dos proponentes artísticos de modo a alçarem a tão respaldada nomenclatura: Artista.

Essa nova abordagem para a *arte* seria enxergada nos pequenos movimentos que compõem novas formas de pensar e se colocar no mundo, expressões que nos tornariam artistas em potencial, independente de profissão ou de como se daria a obra – ao contrário do que desejavam os produtores de *Arte*. Para além da necessidade de espaço de exibição e fruidores, a *arte* se daria nos instantes, seriam agenciamentos sem plateia, recursos artísticos para operarmos sob a estagnação e a repetição de modelos clichês. Cito o artista neste ponto, novamente, reforçando o diálogo e o alinhavo de ideias:

Mas é possível astutamente desviar toda a operação não-artística para longe de onde as artes costumeiramente se congregam, tornando-se, por exemplo, um contador, um ecologista, um dublê, um político, um vagabundo de praia. Nesses diferentes ambientes, os vários tipos de artes discutidos operariam indiretamente como um código guardado que, em vez de programar um curso específico de comportamento, facilitaria uma atitude de brincadeira deliberada em relação a todas as atividades profissionalizantes bem além da arte. (KAPROW, 1971, p. 221)

Andamos, portanto, numa contracorrente, em contrassensos. Atravessamos as mais variadas existências, todas essas reguladas por um aparato social que não permite que os indivíduos se libertem das categorizações. Pois o rotineiro nos cerceia e assim nos permite

seguir a vida sem maiores delongas, sem crises, sem contratempos: acaba-se com o tempo necessário para mudanças e derivas. Tudo isso proporciona uma falsa-lucidez que só se instaura por não percebermos as múltiplas possibilidades de um percurso.

Estamos perante a um processo criativo de existência, seja este consciente ou não. Através de nosso percurso diário e relação com a cidade, nossos núcleos de interação social e a reverberação do íntimo perante tudo o que nos rodeia, somos capazes de nos expressar nas mais diversificadas formas. Somos ato político até nas menores *banalidades* das vinte e quatro horas de um dia. Somos produtores de instantes que têm potência de serem expressos e o são a todo o momento. As diversas linguagens poéticas demonstram uma vontade de alterar a mecanização social e de nossos atos: “A mecanização requer uniformidade, previsibilidade e ordem; e o ato criativo, pelo simples fato de ser um fenômeno do inconsciente, representa uma ameaça à ordem e à uniformidade burguesa” (MAY, 1982, p.69).

Por não conhecermos novos modos de usar o corpo a nosso favor, patologizamos os incômodos, os sentimentos intensos e os estímulos que não dizem respeito ao “consciente”, que não obedecem as binaridades de certo ou errado. Por não acordarmos o que a psicanalista Suely Rolnik (2003) vai nomear “corpo vibrátil”, porque havemos de agenciar mudanças que vão além da imitação ou do buscar ser: “Através de uma incitação permanente à criatividade pessoal, à excentricidade e à procura constante da diferença, não cessam de ser projetadas cópias e mais cópias descartáveis do mesmo.” (SIBILIA, 2016, p.16).

A ponto que o que deve ser procurado é desenvolvermos-nos de forma que *é-se* através dos instantes, através do efêmero, do que reverbera. *É-se* sem a preocupação capitalizada de um produto final: a pessoa melhor, o ser humano honesto. *É-se* para além das rédeas de conduta ou, como nos propõe Roberto Corrêa dos Santos, manifestações exteriores desfronterizadas:

Tratar assim a arte, o discurso, a literatura, a existência, a história, como *corpos-que-agem* [...] Escolhas, atitudes e estratégias circunscrevem *objetos*, não mais em virtude de sua *qualificação regional* (ser literatura, ser sonho, ser fala, ser pintura. Não há o *ser de*), e sim em razão de sua capacidade de referir-se a algo que não é, tendo em conta as vastas codificações externas, tácitas, que os situam, naquele instante, num dado território de formas e significações. (SANTOS, 1999, p.59)

Atividades, poesia contemporânea: um paralelo ativador de novos possíveis

Propostas artísticas do próprio Allan Kaprow, as *atividades*, permitem-nos outra saída de interpretação para a ativação de delicadezas e respiros em nossas austeras rotinas. Para além da institucionalização das performances e dos happenings, através da elaboração de planos de execução bastante líricos, o artista sugeria a realização de ações simples e cotidianas fora de seu contexto original. As atividades produziam estranhamento e conduziam o participante à reflexão sobre conteúdos pessoais e sociais, como o hábito de apertar as mãos de alguém para cumprimentá-lo, por exemplo:

Hello/Goodbye (1978)

A escreve Adeus e Olá
em folhas
entrega as folhas para B
B esperando em algum lugar
lendo as palavras escritas por A
A se aproxima de B
caminhando
diz Olá
ou Adeus.

(KAPROW apud NARDIM, 2011, p. 108)

Pode-se propôr reflexões acerca do ato de se caminhar até o outro e intencionar uma conversa, sobre o ato de cumprimentar alguém, sobre a força determinante das palavras que utilizamos ao nos referirmos ao outro. Sobre a ação de dois corpos e sobre a brevidade das relações. Sobre como tudo se inicia e encerra e de que forma ambos podem se dar de uma mesma maneira. Em conformidade com suas observações em “A educação do não-artista” (1971), temos nas atividades de Kaprow pequenos atos modificadores de uma rotina premeditada por lógicas e razões de primeira instância, que subvertem a forma desde a minuciosa análise vista acima, ao mais completo nonsense irrealizável, como propõe abaixo:

Air condition (1975)

Molhar uma parte do seu corpo com a saliva de alguém
esperar até que seque
de novo e de novo
Molhar outra parte do corpo
assoprar até que seque
de novo e de novo
Molhar ainda uma outra parte
correr até que
seque
de novo e de novo
Repetir
até que a boca seque
até que o corpo esteja molhado

(KAPROW apud NARDIM, 2011, p.111)

Não muito distante das propostas possíveis para uma atividade *à lá* Kaprow, vemos, na poesia contemporânea, um convite a este tempo-outro ao qual buscamos abrir fendas de existência. De acordo com Rosane Preciosa (2011, p. 31), a poesia confronta os valores molares, revelando sua inadequação, e é capaz de projetar saídas, encorajando o sujeito a desprogramar tudo o que lhe é arraigado. Como podemos ver, por exemplo, em “Vontade”, prócio título de um poema de Laura Liuzzi, mais uma das vozes com a qual negociamos na construção desse texto:

Entrar em casa sem que a porta
rangesse, sem que o cachorro
da vizinha farejasse minha vinda
sem que o sofá conservasse as
formas do meu corpo, sem que
eu precisasse tomar aquele copo
de água que toca o azulejo e emite
um som rouco, sem que houvesse
corpo. Entrar em casa como
a música entra nos ouvidos.
(2008, p.7)

O próprio título do poema, bem-vindo às nossas andanças, já nos anuncia o desejo desvelado em verso. “Entrar em casa como a música entra nos ouvidos”. Como se daria essa vontade? A poeta lista ao longo da pequena estrofe diversas formas *inacessíveis* de *acesso*, puxando o tapete no que se trata de uma relação direta de formas de usar o corpo e, além do corpo, formas outras de usar a linguagem em prol de uma produção de sentido que nos vira do avesso em busca de respostas. Onde “as falas, os gestos, as escolhas é que darão corporeidade àquilo que – interno, pessoal, íntimo – nos faz ainda informes, obscuros, hesitantes, comandados” (SANTOS, 1999, p. 58).

Ainda, em consonância com a poesia contemporânea – que age lúdica e sensorialmente sobre a linguagem, vemos, também, nas atividades, um jogo com o cotidiano e suas políticas de funcionamento, as formas como nele atuamos. Elas jogam com o *entretempo* que aqui busca-se analisar. Tempo esse que não mais diz respeito às situações do cotidiano às quais criamos costume em desempenhar: através do roteiro, ou seja, da linguagem, agem sobre a simbologia das cotidianidades, subvertendo-as.

Nas atividades, o próprio indivíduo está em questão todo o tempo. Seus roteiros tratam de fazer eclodirem aberturas a partir de pequenas provocações a essas pessoas. Elas, portanto, não serão envolvidas em representações. Ao mesmo tempo, também não estão exatamente vivendo uma situação cotidiana. Estão em outro lugar, cujas regras de funcionamento são os direcionamentos contidos no roteiro. Essas pessoas estão em situação de jogo, jogando sob as regras do roteiro. (NARDIM, 2011, p. 113)

Mais do que isso, percebe-se a importância de negociar com novas formas de afeto e com possibilidades outras de lidar com as automatizações dos modos de ser e estar. Uma subjetividade poeta, mente criativa, um não-artista, todos esses nossos personagens elencados, e que aqui buscamos aproximar ao cotidiano comum das pessoas, das multidões das ruas, desempenham uma tarefa cortante às estruturas sociais arraigadas, ordem burguesa que procuramos combater: “A criatividade de espírito ameaça e deve ameaçar a estrutura e os pressupostos da nossa sociedade e do nosso modo de vida, racionais e ordenados. Os impulsos irracionais do inconsciente.” (MAY, 1982, p.71)

Por novos modos artísticos de habitar a rotina

As noções trazidas por Rosane Preciosa e Allan Kaprow avizinham-se por semelhança. Mas é importante notar que uma traça o caminho contrário da outra: a subjetividade poeta rouba da arte para aguentar sobreviver um dia a dia pouco flexível, expondo-se de maneira criativa, jogando com o *modus operandi*, inserindo arte no cotidiano; denota malabaristas da existência, singularidades que se equilibram na corda bamba, ao desejo das derivas. Enquanto isso, os não-artistas traem o tempo todo as ideias arraigadas a respeito da arte e anseiam pela impercepção das multidões, por um cotidiano que agencie o fazer artístico, inserem o cotidiano na prática criativa.

O corpo ocupa, se expressa, sente. É o centro das preocupações e problematizações de nosso século. O ponto de partida e a quem nos referimos. É materialização daquilo que nos pertence, responsável por nossas relações com o mundo externo e provocador de reações internas e no meio. Apresentamo-nos como seres em formação, fadados aos erros, absorvendo, produzindo e reproduzindo vivências, experiências. Valorizamos o *faça-você-mesmo*, o artesanal, as etapas de construção, as vias de escape, nosso próprio modo de operar. A busca pelo conforto intra e extrassensorial na contemporaneidade nos insere como corpos em modificação fluida.

Em tempos diminutos e de censura dos devires, onde “mais importante do que anunciar o futuro, parece ser cotidianamente produzir o presente, para possibilitar o futuro” (GALLO, 2003, p.71), essa *subjetividade poeta* faz-se bem-vinda e reverberante. Mas como nos ativamos enquanto receptores das possibilidades de criação e deslocamentos sobre nós mesmos?

Arrisco dizer que essa práxis de nos colocarmos atenta e ativamente às ondas e esquinas da vida não é simples: doi, leva tempo e exige análise minuciosa tanto do que nos move e acomete o corpo, quanto tudo aquilo acontecendo a nosso redor. Porque não se pode esquecer do *cuidado de si*. Porque são duros os julgamentos. Persistimos criativamente, propondo novas formas de estar e novas formas de atravessar caminhos.

Espécie de micro roteiro para uma atividade em livre interpretação, há, na poesia de Gab Marcondes, também um interessante exercício que pode-nos abrir a uma expressão poeta da subjetividade: “ir e voltar sobre si mesmo” (MARCONDES, 2016, p.19). O desejo para futuras investigações acerca do tema aqui versado, não só para as elaborações daquele que escreve, pode também tocar aquele que lê, reverberando um pensamento a ser passado adiante, cumprindo com uma tentativa de ativar a subjetividade poeta e fazer valer a polifonia de vozes aqui agenciada, raros exemplos de pequenos terremotos que mexem no terreno da alma.

Repensar as levezas e singularidades diárias como pequenas férias da rotina, dadas as circunstâncias e a promessa capital de voltarmos ao cotidiano em dias contados. Há desequilíbrio na volta. Da produção de encontros, da atenção ao cuidado de si, não voltamos os mesmos. Deslizamos e craquelamos num chão que treme bem em cima dessa morada que tomamos ao nos chamarmos “indivíduos”. Rematerializamos-nos no ato de “ir e voltar sob si mesmo”, do qual criamos malemolências novas para aguentar o tranco, habitar o dia, produzir novos agenciamentos e nos embebermos da embriaguez do espanto.

Referências Bibliográficas

BOURRIAUD, NICOLAS. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos Estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014

KAPROW, Allan. **A educação do não-artista (I)**. 1971. Disponível em <<https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2015/12/kaprow-allan-a-educacca7ao-do-nao-artista.pdf>> Acesso 28/07/2017, 18:40

- KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. **Expansões Contemporâneas: literatura e outras formas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LIUZZI, Laura. **Desalinho**. São Paulo. Cosac Naify, 2014
- MARCONDES, Gab. **Mão Dupla**. Rio de Janeiro: Megamini, 2016.
- MAY, Rollo. **A Coragem de Criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NARDIM, Thaise. **As Atividades de Allan Kaprow: artes de agir, obras de viver**.
- PARTENHEIMER, Jürgen. **Suave Loucura**. São Paulo: Estação das Letras, 2005.
- PEDROSA, Celia e ALVES, Ida (org.). **Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. **Interromper o instante, interrogar o agora: poesia, política e pensamento em Alberto Pucheu**. 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00196.pdf>> Acesso em 27/07/2017, 19:05
- ROLNIK, Suely. **“Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma**. 2003. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>> Acesso: 27/07/2017, 18:39
- SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de Saber, Modos de Adoecer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público - As tiranias da intimidade**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1992
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SILVA, Luiz Roberto Nascimento. **A Nova Peste e outros ensaios**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.